# Do emprego da palavra "história" no Prefácio Epistolar da História Natural de Plínio, o Velho (séc. I d.C.)

# About the use of the word "history" in the Epistolary Preface of Natural History by Pliny the Elder (First Century AD)

**Thiago David Stadler**[*]
Universidade Estadual do Paraná

***Resumo***

Neste artigo abordamos o uso da palavra "história" feito por Plínio, o Velho em seu Prefácio Epistolar da História Natural. Assim, analisaremos as quatro menções à palavra "história" que aparecem no Prefácio, cada qual com um tipo de abordagem específica. Ora temos o uso da palavra como indicativo do título da própria História Natural; ora como indicativo da obra de Tito Lívio; ora expressando o título de outra obra de Plínio, o Velho; ora para citar a obra de um autor grego. Com isto, temos como objetivo apresentar outra possibilidade de leitura da obra pliniana, qual seja, pelo viés histórico e não pelo enciclopedismo.

**Palavras-chave:** História Natural; Plínio, o Velho; História.

***Abstract***

In this article we approach the use of the word "history" done by Pliny, the Elder in his epistolary Preface of the Natural History. Thereby, we will analyze the four mentions to the word "history" that appear in the Preface, each one with a specific type of approach. Occasionally we have the use of this word as an indicative of the title of Natural History itself; some other times as an indicative of Livy's work; at times it express the title of another Pliny's work; sometimes to quote the work of a greek author. Therewith our objective is to present another reading possibility to Pliny's work, which is from the historical bias and not from the encyclopaedism one.

**Keywords:** Natural History; Pliny the Elder; History.

● **Enviado em: 12/05/2015**
● **Aprovado em: 15/07/2015**

[*] Professor Adjunto A do Colegiado do Curso de Filosofia da Universidade Estadual do Paraná *campus* União da Vitória. E-mail: thibastadler@gmail.com

Neste artigo nos propomos a analisar as significações que Plínio, o Velho (23 – 79 d.C.) imputou à palavra "história" no Prefácio Epistolar de sua obra *História Natural* dedicada ao futuro imperador Tito. Tais análises foram construídas com a intenção de validar a leitura da obra pliniana como uma legítima representante do gênero de História da Antiguidade latina do século I d.C. Sabemos que a nossa interpretação acerca de alguns pontos da obra pliniana pode gerar desacordos futuros, mas seguimos a risca o aviso taxativo de Umberto Eco: "o leitor não pode dar nenhuma interpretação simplesmente com base em sua imaginação, mas deve ter certeza de que o texto de certo modo não apenas legitima, mas também encoraja determinada leitura"[1]. Desse modo, a nossa leitura não excede os limites encorajadores da NH[2]!

A primeira aparição da palavra "história" acontece no início do Prefácio Epistolar[3]:

> Estes livros de **História** Natural, nascidos de minha última criação/juízo e que são uma nova tarefa para as Musas de seus cidadãos romanos, resolvi oferecê-los a ti com esta informal epístola, Gracioso Imperador (tal é, de fato, o título que mais se ajusta à sua pessoa, já que o de Máximo corresponde à velhice de seu pai).[4]

Empregado pela primeira vez o termo "história" nos indica o título escolhido por Plínio para sua obra de maior durabilidade[5]. Ora, a pergunta que é reconhecidamente válida nesse momento é: qual o propósito de intitular a obra de *Naturalis Historiae*? Uma resposta apressada apontaria para a direção de um escrito que pretendia narrar a visibilidade da natureza, ou seja, reproduzir em palavras o silêncio da natureza. Tendo esta resposta apressada como verdadeira – posição que não sustentamos neste artigo – compreende-se um dos porquês do uso da palavra "história" no título da obra pliniana não se mostrar suficiente para que os estudiosos incluíssem a NH no rol das obras de História da Antiguidade. Justamente uma das dificuldades em compreender a obra pliniana foi potencializada pelo

1 ECO, Umberto. *Confissões de um jovem romancista*. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p.35.

2 A partir de agora adotamos esta abreviação que corresponde ao nome da obra em latim: *Naturalis Historia*.

3 A História Natural é assim dividida: 1°) Prefácio Epistolar; 2°) Livro I (tabula de conteúdos); 3°) Livro 2 ao 37. A primeira parte é composta por um texto dedicado ao futuro imperador Tito – filho do então imperador, Vespasiano. A segunda parte é composta por uma espécie de índice com conteúdos e autoridades referentes a todos os outros livros da NH. A terceira parte é composta pelos conteúdos propriamente ditos da obra pliniana.

4 (grifo do autor). Plínio, o Velho. *NH. Praef. 1: "Libros Naturalis Historiae, novicium Camenis Quititium tuorum opus, natos apud me proxima fetura licentiore epistula narrare constitui tibi, iucundissime imperator – sit enim haec tui praefatio, verissima, dum maximi consenescit in patre".*

5 Outras produções de Plínio: Continuação da História de Aufídio Baso; Sobre o lançamento de dardos a cavalo; Sobre a vida de Pompônio Segundo; Sobre os eruditos e Problemas da língua. Algumas delas escritas no período em que Plínio, o Velho retirou-se do mundo público, ou seja, no tempo de Nero (54-68 d.C.).

problema de não se encontrar uma pronta relação entre o título da obra, seu conteúdo e seu gênero literário. Desse modo, buscamos nas próprias palavras de Plínio um possível caminho para compreendermos o significado do termo "história" neste primeiro caso:

> [nestes livros] Se descreve a natureza, ou em outras palavras, a vida, mas em seu aspecto menos brilhante e, em muitos pontos, recorri a termos rústicos ou estrangeiros, inclusive bárbaros, termos que realmente devem ser introduzidos com um pedido de desculpas[6].

Ao perceber a explicação dada por Plínio de que sua obra descreve a natureza, ou melhor, a *vida*, percebemos algo relevante: o título da obra pode ser interpretado como "História da Vida". Diferente da resposta anteriormente dada de forma rápida aqui ampliamos a discussão em torno do nome da obra pliniana, pois vista como "História da Vida" não a limitamos como uma mera exposição do mundo natural, mas a abordagem amplia-se à noção da "natureza histórica". Assim, o emprego do termo "história" no título da obra pliniana nos sugere o seguinte raciocínio: 1°) Através de um trabalho de investigação histórica Plínio buscou tornar a natureza num objeto histórico; 2°) Para tornar a natureza num objeto histórico foi preciso equipará-la à vida[7]; 3°) A noção de vida ameniza a característica de que a obra era apenas sobre o mundo natural, pois a sociabilidade urbana também está inserida no que se entende como vida; 4°) O papel do homem ganha destaque na construção do que podemos chamar de "mundo histórico"; 5°) Para a natureza se tornar histórica foi preciso destacar o papel do homem *na* natureza. Desse ponto de vista, o uso da expressão "História Natural" ganha um significado específico, pois o relato/discurso pliniano tem como referente os feitos dos homens *na* natureza e os usos da natureza *pelo* homem, ou seja, o conteúdo da NH está voltado para o valor que o homem – principalmente o romano – dá aos objetos/fenômenos ali descritos.

Por tocar em temas tão amplos a NH foi encarada como um amontoado de informações desconexas, ou em termos modernos, uma enciclopédia. Ambas as caracterizações possuem erros, pois a obra pliniana possui um ordenamento interno – confuso, mas presente – além de um índice de conteúdos. No que se refere à categorização da NH como uma enciclopédia algumas palavras são necessárias: nenhuma obra da Antiguidade e da Medievalidade foi

---

6 Plínio, o Velho. *NH. Praef. 12: "Sterilis materia, rerum natura, hoc est vita, narratur, et haec sordidissima sui parte, ac plurimarum rerum aut rusticis vocabulis aut externis, immo barbaris, etiam cum honoris praefatione ponendis"*.

7 A carga da filosofia estóica deve ser vista nestas relações, pois sabidamente os estóicos sustentam a íntima relação entre a doutrina da física com a ética: a *natureza* vincula-se a doutrina da física e a *vida* ao lado da ética. Daí a máxima estóica: "viver em conformidade com a natureza".

intitulada com esta expressão[8] – e algumas sim e outras não desde o Renascimento[9]. Mantendo uma posição prudente quanto a estas discussões que tomam muito espaço quando se trata da NH pensamos que categorizá-la como uma enciclopédia acarreta vantagens e desvantagens. Vantagens pelo fato de não ficarmos perdidos numa produção que, sem dúvida, apresenta inúmeras semelhanças com as enciclopédias modernas. Até mesmo o *uso* proposto por Plínio em seu prefácio nos dá o tom que o autor buscava – não era preciso ler a obra completa, mas apenas consultá-la de acordo com as necessidades, ou seja, algo próximo das propostas de enciclopédias modernas. Todavia, também acarreta desvantagens, pois caímos nos riscos de creditar à obra pliniana uma característica impensada pelo autor: dar conta de todos os assuntos concernentes à formação do homem. Se assim fosse, estaríamos afirmando que Plínio não considerava oportuno que os cidadãos romanos tivessem em seu horizonte a gramática, aritmética, oratória, geometria, etc.

Desse modo, entender a NH nos termos modernos do enciclopedismo é um claro exemplo de anacronismo, pois a obra de Plínio não aborda todos os temas que circundavam a sociedade romana do século I d.C e, uma das características principais das enciclopédias modernas, qual seja, a distinção "do que é necessário e do que é suplementar"[10] não é atendida na obra pliniana. Assim sendo, concordamos com os estudos de Aude Doody que conclui sobre esta discussão: "Examinei a relação entre *enkýklio paideia* e o conceito de enciclopedismo e considero que não houve um gênero enciclopédico na Antiguidade ao qual Plínio pertenceu: se a *História Natural* é uma enciclopédia, esta é uma função adquirida em sua História da receptividade".[11]

Retomamos a questão da NH como "História da Vida" e, por conseguinte, como uma obra que contém inúmeros temas. Ciente de que sua empreitada era ousada Plínio justificou-se: "Ninguém entre nós tentou [levar a cabo tal tarefa] e ninguém entre os gregos tratou sozinho de todas as questões [aqui apresentadas]"[12]. Não nos é estranho pensar que Plínio

---

8 O primeiro livro do século XVI a usar o termo *Encyclopedia* foi *The Governor* (1531) de Thomas Elyot (1490-1546): "The circle of doctrine...is in one word of greke Encyclopedia". Rabelais em 1532 é o próximo a usar o termo, em francês, em seu Gargantua: "En quoy jê vous puisse asseurer qu'il m'a ouvert Le vrays puys et abisme de encyclopedie". É apenas em 1541 que o termo, em grego, aparece em um título: *Lucubrationes vel potius absolutíssima kuklopaideia* de Joachimus Fortius Ringelbergius – latinização de Joachim Sterk van Ringelbergh. (RUIZ DE ELVIRA, Antonio. *Universitas y Enclyclopedia (II).* Sevilha: Revista Habis, n.29, 1998, p.363).

9 RUIZ DE ELVIRA, Antonio. Op.cit., p.368.

10 MURPHY, Trevor. *Pliny the Elder's Natural History: the Empire in the Encyclopedia*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p.01.

11 DOODY, Aude. *Pliny's Encyclopedia: the reception of the Natural History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p.08.

12 Plínio, o Velho. *NH. Praef. 14: "nemo apud nos qui idem temptaverit invenitur, nemo apud Graecos qui unus omnia ea tractaverit".*

empenhou seus maiores esforços na produção da NH, embora saibamos do exagero retórico na frase anterior – Celso (25 a.C. – 50 d.C.) e Varrão (116 a.C. – 27 a.C.), por exemplo, já haviam intentado abarcar a "totalidade" da vida em suas obras. O interessante é perceber que sua ânsia pela totalidade e ineditismo também são traços marcantes das obras pertencentes ao gênero da História – ambições que até hoje guiam muitos historiadores em seus ardorosos caminhos. Como ele mesmo afirma "dar novidade ao velho" era algo que sua NH poderia oferecer aos seus leitores. Assim, percebemos que o primeiro uso da palavra "história" nos indica que o autor almejava com seus trinta e sete volumes algo além de um amontoado de informações sem nexo, sem sentido, etc. A composição de uma "História da Vida"[13], apesar da exagerada pretensão, não pode descaracterizar-se como integrante do gênero de História por esse fator. Dito isto, entendemos que a significação do termo "história" neste primeiro caso tangencia mais com a vertente grega de "investigação" do que com a noção latina de feitos narrados e com força de exemplo moral.

A segunda aparição do termo "história" no Prefácio da NH está ligada ao nome de Tito Lívio (59 a.C – 17 d.C). Historiador romano que nas palavras de Quintiliano (35 – 95 d.C.) em sua obra *Institutio Oratoria* encontramos verdadeira admiração pela eloquência e clareza de seus escritos:

> Que Heródoto não me leve a mal ao igualá-lo a Tito Lívio, o qual não apenas em sua narração tem uma estranha suavidade e pureza acompanhada de muita clareza, mas também em seus discursos é mais eloquente do que é possível descrever (...) no que toca às emoções, especialmente aquelas que requerem mais doçura, para dizer em uma palavra, nenhum dos historiadores lhes deu maior realce.[14]

A comparação entre Heródoto e Tito Lívio destaca a importância que os escritos de Lívio tiveram na formação do pensamento dos eruditos do século I d.C em Roma. Sua obra mestra *Ab urbe condita* teve como objetivo compor uma História desde a fundação de Roma até meados do século I d.C – grande ambição! - com a marca característica das produções daquele período: o culto a Roma. Não por coincidência, em uma das epístolas que Plínio, o Jovem[15] (61 – 113 d.C.) endereçou a Tácito (55 – 120 d.C.) contando a respeito do desastre[16]

---

13 Em suas Noites Áticas (Praef. 6-9), Aulo Gélio caracterizou a NH com a expressão *pantodapes historia*, ou seja, uma "História geral da terra". Notem que essa definição também retira a carga geográfica do título História Natural, pois integra o espaço urbano e a sociabilidade humana.

14 Quintiliano. *Institutio Oratoria. Livro 10.1: "nec indignetur sibi Herodotus aequari Titum Livium, cum in narrando mirae iucunditatis clarissimique candoris, tum in contionibus supra quam enarrari potest eloquentem (...) adfectus quidem, praecipueque eos qui sunt dulciores, ut parcissime dicam, nemo historicorum commendavit magis".*

15 Sobrinho por parte de mãe de Plínio, o Velho. Foi adotado pelo tio quando da morte de seu pai legítimo.

que matou seu tio temos uma citação direta que mostra a presença de Tito Lívio nos círculos intelectuais do século I d.C: "Agora duvido que eu chame de constância de estudo sendo mais adequado chamar de imprudência o que fiz na época (tinha apenas dezenove anos): tomei um livro de Tito Lívio e, como se não tivesse outra coisa para fazer, comecei a ler e a copiar fragmentos"[17]. Contudo, o que encontramos nos escritos de Plínio, o Velho não são as destacadas qualidades exaltadas por Quintiliano nem a admiração de seu sobrinho e sim, a presença de críticas relacionadas à postura adotada por Tito Lívio em buscar glórias pessoais ao invés de glórias a Roma. É justamente nessa passagem que a palavra "história" aparece pela segunda vez em nossa fonte:

> De minha parte penso que na composição do saber é particularmente meritória a causa dos que tem preferido o serviço útil de superar as dificuldades do que apenas buscar aquilo que dá prazer. Tenho praticado tal postura em outros estudos. E por isso declaro que me surpreendo de que Tito Lívio, o célebre autor, em um determinado volume de sua **história** que começa da fundação da urbe, tenha começado dizendo que ele havia alcançado muitas glórias e que poderia descansar se a inquietude de seu espírito não se alimentasse de trabalho. Porque deveria ter composto esses escritos para a glória do povo vencedor do mundo e do nome de Roma, não para glória pessoal.[18]

De fato, Plínio se remete a Tito Lívio como o "célebre autor", mas também nos revela um traço oculto pelas palavras de Quintiliano: o gosto pela glória pessoal. Tal postura era desprezível para muitos homens das letras – com boa dose do que chamaríamos hoje de hipocrisia! -, como podemos notar pelas palavras de Cícero (106 – 43 a.C.) em um trecho das Filípicas em que afirmou que a glória era traduzida pela "fama e pelos bons e grandes atos com a *res publica*, que se comprovam quer pelo testemunho dos homens notáveis, quer pelo da multidão"[19], ou seja, Tito Lívio teria registrado em sua História os grandes atos dignos de

---

16 Apresentamos aqui uma das versões sobre a morte de Plínio, o Velho: "Estava comandando a frota de Misenio durante a erupção do Vesúvio e investigava o fenômeno que ali ocorria, mas foi incapaz de voltar devido aos fortes ventos. Ele foi sufocado pela poeira e cinzas, embora alguns pensem que foi morto por um escravo, a quem pediu para apressar o seu fim, quando foi dominado pelo intenso calor". Relato de Suetônio em *De Viris Illustribus*.

17 Plínio, o Jovem. *Ep. 6.20: "*Dubito, constantiam vocare an imprudentiam debeam — agebam enim duodevicensimum annum -: posco librum Titi Livi, et quasi per otium lego atque etiam ut coeperam excerpo".

18 Plínio, o Velho. *NH. Praef. 16:"Equidem ita sentio, peculiarem in studiis causam eorum esse, qui difficultatibus victis utilitatem iuvandi praetulerint gratiae placendi, idque iam et in aliis operibus ipse feci et profiteor mirari me T. Livium, auctorem celeberrimum, in historiarum suarum, quas repetit ab origine urbis, quodam volumine sic orsum: iam sibi satis gloriae quaesitum, et potuisse se desidere, ni animus inquies pasceretur opere. profecto enim populi gentium victoris et Romani nominis gloriae, non suae, composuisse illa decuit".*

19 Cícero. *Filípicas, I.29: "Est autem gloria laus recte factorum magnorumque in rem publicam meritorum, quae cum optimi cuiusque, tum etiam multitudinis testimonio comprobatur".*

glória, mas fazendo isto buscou a glória para si. Ao criticar tal postura de Tito Lívio, Plínio transmitia a noção de que com a sua NH a preocupação era outra, qual seja, dedicar seus esforços e sua obra para todos os cidadãos romanos – apesar da clara dedicatória ao futuro imperador. Notadamente tal recurso discursivo era comumente utilizado, pois com a exaltação de Roma os indivíduos que assim a exaltavam também ganhavam lugar de destaque político e social. Fica-nos a dúvida do por que Plínio atacar o célebre autor com uma questão desta natureza, pois ao colocar o seu nome (Plínio) ao lado do nome do futuro imperador (Tito) na dedicatória de sua obra também era um traço que reconhecidamente lhe traria glórias pessoais.

Cabe-nos a pergunta: o uso da palavra "história" no caso da obra de Tito Lívio nos ajuda de que maneira? Ao analisarmos a sequência do Prefácio da NH encontramos antes da citação da obra de Tito Lívio comentários de Plínio sobre os usos das obras gregas e do embate entre tradição e inovação que seu trabalho geraria. Em seguida, Plínio chama a atenção do leitor – que num primeiro momento é o imperador, num segundo os romanos, num terceiro a humanidade – para a postura deplorável de um célebre autor romano que através de *sua obra de História* buscou a glória pessoal. Tal atitude não seria perpetrada por ele – Plínio – em sua obra *História Natural*, pois como um cidadão acostumado com os cargos de ação sabia o valor da preservação e glorificação do nome de Roma. Talvez ciente de que sua crítica a Tito Lívio pudesse gerar certo desconforto naqueles que o admiravam, sentenciou logo em seguida:

> São vinte mil as informações dignas de atenção (porque como disse Domicio Pisão, deve-se construir *thesauros oportet* e não livros), lidas em cerca de dois mil livros (alguns dos quais poucos estudiosos se deteram devido aos assuntos difíceis de entender), obra de autores bem selecionados, que estão apresentadas em trinta e seis volumes.[20]

Assim, Plínio deixou claro que sua obra não se tratava de algo pequeno e sem importância. Seu trabalho investigativo ganhou números altos e com isso, respeito. As críticas feitas à obra de História de Tito Lívio seriam tecidas por um indivíduo que leu incontáveis obras e tinha uma vívida vida vivida, ou seja, na NH estaria aliada à tradição escrita e com a presença dos olhos de Plínio – mescla do caráter investigativo grego com a legitimação dos aportes literários latinos. Importante salientar que ao analisarmos as duas passagens em

[20] Plínio, o Velho. *NH. Praef. 17: "XX Rerum dignarum cura—quoniam, ut ait Domitius Piso, thesauros oportet esse, non libros—lectione voluminum circiter VV, quorum pauca admodum studiosi attingunt propter secretum materiae, ex exquisitis auctoribus centum inclusimus XXXVI voluminibus, adiectis rebus plurimis, quas aut ignoraverant priores aut postea invenerat vita".*

conjunto (*Praef.16-17*) percebemos que Plínio utilizou termos diferentes que destacam o papel proeminente de sua NH. Quando se referiu a noção de preferir os serviços difíceis aos prazerosos Plínio completou a afirmação dizendo: "tenho praticado tal postura em outros *estudos*". Contudo, ao se referir a NH Plínio não consegue nem mesmo limitá-la ao padrão de *livros* – que dirá de estudos! -, mas concorda com Domicio Pisão e a chama de *thesauros oportet*, numa tentativa de tradução aproximada, um armazém/depósito. Diferente das interpretações comumente realizadas não vemos nesta definição um valor pejorativo, mas a aproximamos daquilo que anteriormente apontamos: para compor uma *História da Vida* precisava-se de espaço. *Espaço* de trinta e sete volumes para acomodar tantas informações! Logo, as críticas feitas a Tito Lívio e sua obra de História seriam validadas por um autor erudito e com grande vivência, mas, principalmente, por um indivíduo que produziu uma obra de História de maior fôlego e com temas dignos de lembrança.

Encerramos as considerações acerca do segundo uso do termo "história" com a disposição dos principais autores usados por Tito Lívio em sua obra *História de Roma a partir da fundação da urbe*:

| **AUTORES LATINOS** | |
|---|---|
| **Fábio Pictor** | Cíncio Alimento |
| **Acílio** | Calpúrnio Pisão |
| **Cláudio Quadrigário** | Valério Anciate |
| **Asínio Polião** | Licínio Macro |
| **Élio Tuberão** | Marco Varrão |
| **Catão, o Censor** | Célio Antípatro |
| **César** | Rutílio Rufo |

| **AUTORES ESTRANGEIROS** | |
|---|---|
| **Arato de Sicião** | Sileno de Calas |
| **Timagenes** | Alexandria |
| **Políbio** | |

A partir desta pequena lista de autoridades romanas e estrangeiras (gregas) podemos retirar algumas informações preciosas para o nosso pensar. Que a beleza da escrita dos textos de Tito Lívio ganham mais louros que a escrita pliniana não nos restam dúvidas. Contudo, o que nos importa é a semelhança entre as autoridades usadas por Tito Lívio para compor suas *Histórias* e a lista de autoridades apresentadas por Plínio em seu Livro I que guiaram a escrita de *sua História*. Elencamos o número de vezes que cada uma das principais fontes usadas por Tito Lívio aparece na lista de autoridades do Livro I de Plínio:

| **AUTORES LATINOS** | |
|---|---|
| **Fábio Pictor: 3** | Cíncio Alimento: **1** |
| **Acílio: 0** | Calpúrnio Pisão: **15** |
| **Cláudio Quadrigário: 0** | Valério Anciate: **9** |
| **Asínio Polião: 1** | Licínio Macro: **7** |
| **Élio Tuberão: 3** | Marco Varrão: **31** |
| **Catão, o Censor: 16** | Célio Antípatro: **1** |
| **César: 1** | Rutílio Rufo: **0** |

| **AUTORES ESTRANGEIROS** | |
|---|---|
| **Arato de Sicião: 1** | Sileno de Calas: **0** |
| **Timagenes: 1** | Alexandria: **0** |
| **Políbio: 4** | |

A comparação efetuada entre os dois pensadores consiste em mostrar que Plínio apoiou-se em autoridades que foram trabalhadas numa obra do gênero de História da virada do século I a.C para o século I d.C – obra de grande prestígio e autor igualado a Heródoto, nas

pomposas penas de Quintiliano. Numericamente temos como resultado a equiparação de 78% dos principais autores latinos e 60% dos autores estrangeiros utilizados por Tito Lívio em sua *Ab urbe condita* e contidos no Livro I da NH. Desse ponto de vista, percebemos que as críticas plinianas voltadas à postura de Tito Lívio frente à glória pessoal não são repetidas quando o assunto é a legitimação do conteúdo de sua obra[21]. Sendo assim, nos parece que o uso do termo "história" neste segundo momento demonstra a indicação do gênero da obra de Tito Lívio – filologicamente inegável -, mas também sugere uma possível comparação entre os escritos de Tito Lívio e a proposta de sua própria obra, ou seja, uma obra do gênero de História. Deixemos claro: não aludimos ao conteúdo de ambas as obras, mas da proposta da obra, ou seja, ser uma obra do gênero de História.

O terceiro momento em que a palavra "história" aparece no prefácio da NH corrobora com a imagem de Plínio como um historiador. No seguinte trecho é possível imaginar o momento em que o autor estava justificando – para o imperador ou para si mesmo? – as suas intenções de escrita:

> De todos vocês, de seu pai, de ti e de seu irmão, tratamos em uma obra como era o esperado: '**História** de nosso tempo', começando a partir do final dos escritos de Aufídio. Perguntarás onde está. Terminada há um bom tempo, está num lugar seguro e com a decisão de confiá-la a meu herdeiro para que não se pense que dediquei minha vida à adulação. Com isso deixo aberto o caminho para aqueles que queiram ocupar esse terreno e também favoreço aqueles que virão depois, pois sei que eles irão competir conosco assim como nós fizemos com nossos predecessores.[22]

A partir deste trecho não nos restam dúvidas de que Plínio escreveu uma obra pertencente ao gênero de História na Antiguidade. Leia-se: com grandes homens, grandes feitos, acontecimentos, guerras, intrigas, política, com a clara perspectiva do *exempla*. A obra referida neste trecho do Prefácio seria uma continuação dos escritos do historiador Aufídio Baso que colocou o ponto final de sua narrativa entre os anos 31 a 50 d.C. Desse modo, o lapso temporal permite inferir que a obra pliniana "História de nosso tempo" poderia abarcar desde

---

21 Ao que tudo indica Plínio utilizou as datações propostas por Tito Lívio: "Segundo o Livro 33.148-149, a grande crise moral deu-se entre 189 e 132 a.C, num período de 57 anos que viu chegar todas as formas de luxo oriental. De igual modo, os casos apontados no Livro 33.142-143 como ilustrativos da tradicional parcimônia romana, são datáveis de um período que vai de 275 a 168 a.C. Esta cronologia apresenta-se na linha da tradição analística romana e é perfilhada por Tito Lívio, que põe especial ênfase na data de 188-187 a.C., data de regresso da Ásia de Gneu Mânlio Vulso". (OLIVEIRA, Francisco. *Ideais Morais e Políticas em Plínio, o Antigo.* Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1986, p.71)

22 Plínio, o Velho. *NH. Praef. 20: "Vos quidem omnes, patrem, te fratremque, diximus opere iusto, temporum nostrorum historiam orsi a fine Aufidii. ubi sit ea, quaeres. iam pridem peracta sancitur et alioqui statutum erat heredi mandare, ne quid ambitioni dedisse vita iudicaretur. proinde occupantibus locum faveo, ego vero et posteris, quos scio nobiscum decertaturos, sicut ipsi fecimus cum prioribus".*

o período de Tibério (14 d.C – 37 d.C) até os tempos de Vespasiano (69 – 79 d.C), ou menos ampla, a partir de Cláudio (41 d.C – 54 d.C) até Vespasiano. Em ambas as possibilidades Plínio não abordou todo o período de Vespasiano, pois a obra foi escrita antes da NH e, além disso, Plínio morreu meses antes de Vespasiano[23].

Paralelo interessante entre este trecho e aquele referente à busca de glórias pessoais de Tito Lívio diz respeito às preocupações de Plínio com a sua reputação. Ora, mas as glórias alcançadas por Tito Lívio através de sua História não poderiam ser visadas por Plínio. Será mesmo? O simples fato de Plínio dedicar a NH para um membro da casa imperial romana já relativiza essa faceta antiglórias pliniana. Sua fama imortal e seus escritos ganhariam destaque se estivessem aliados ao poder dominante e, nada melhor, do que dedicar sua obra para uma espécie de "mestre das verdades" romana. São as próprias palavras de Plínio que nos apresentam a legitimidade de Tito como um receptor capaz de entender a sua obra: "De ninguém se tem dito com mais verdade que o poder da oratória resplandece (...) com que vigorosa palavra cantas como um trovão os méritos de seu pai!, e a fama de seu irmão!, que grande és na poesia!, ó grande fecundidade de espírito!" [24]. Só o fato de louvar as qualidades de Tito e considerá-lo o leitor por excelência de sua NH já alçava Plínio entre os escritores que gozavam de glórias e respeito entre os pares.

Como dito noutro momento de nossas pesquisas[25]: um homem romano do século I d.C também tinha suas crenças e, talvez uma das mais fortes entre os eruditos, era a crença nas ações de seu soberano e a certeza de querer manter-se ao seu lado. Desse ponto de vista, colocar o próprio nome ao lado do nome do futuro imperador romano Tito num prefácio epistolar de uma monumental obra não era inocência! Nas próprias palavras de Plínio: "não me atrevo a prometer nada, tua pessoa me oferece a oportunidade de escrever. Isto é o que garante minha obra, o que lhe dá valor"[26].

Notadamente, o uso do termo "história" no caso em questão é o mais explícito, pois se remete a uma obra do gênero de História escrita pelo próprio Plínio. Embora não faça referência à obra aqui analisada a aparição da palavra "história" no contexto específico já nos dá suporte para pensar a produção pliniana com outras ferramentas. Se foi intencional ou não

23 A obra "História de nosso tempo" foi escrita antes da NH, mas publicada apenas após a morte de Plínio, o Velho. Assim, temos a publicização da NH em 77 e a "História de nosso tempo" após o ano 79 d.C.

24 Plínio, o Velho. *NH. Praef. 5: "Fulgurare in nullo umquam verius dicta vis eloquentiae, tribunicia potestas facundiae. quanto tu ore patris laudes tonas! quanto fratris amas! quantus in poetica es! o magna fecunditas animi! quem ad modum fratrem quoque imitareris excogitasti".*

25 Vide: STADLER, Thiago David. *O Império Romano em cartas: glórias romanas em papel e tinta (Plínio, o Jovem e Trajano 98/113 d.C.)*. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

26 Plínio, o Velho. *NH. Praef. 19: "nihil auso promittere hoc ipsum tu praestas, quod ad te scribimus. haec fiducia operis, haec est indicatura".*

nos será sempre inacessível, mas a sequência do Prefácio reforça nosso argumento de que não somente a palavra "história" se faz presente, mas algumas posturas de historiador também marcam os escritos plinianos. Logo após comentar sobre a sua obra "História de nosso tempo" Plínio entra em dois assuntos espantosamente atuais: o método de investigação e, como chamamos em nossos dias, o plágio. Notemos que tais comentários de Plínio não dizem respeito à produção da obra "História de nosso tempo", mas sobre a sua pesquisa para elaborar a NH. O que nos chamou a atenção foi o local escolhido para falar sobre estes assuntos, qual seja, logo após a apresentação de sua obra de História e de sua percepção do *fazer História*, em suas palavras: "[os futuros pensadores] irão competir conosco assim como nós fizemos com nossos predecessores"[27]. Eis a descrição de como ele desenvolveu sua obra NH:

> A prova do esforço que tive com estes volumes está nos nomes dos principais autores que estão no princípio [da obra]. É, penso eu, uma prova de cortesia e cheia de simplicidade e decência confessar de quem te beneficiastes, coisa que não foi feita pela maior parte dos autores que usei. Porque tens de saber que comparando autores descobri que os mais apreciados dentre os contemporâneos tem transcrito literalmente os antigos sem nomeá-los.[28]

Tudo isto aparece claríssimo no prefácio da NH: enquanto os autores célebres de seu tempo apenas faziam fama à custa da genialidade dos antigos, Plínio apontou a enorme lista de autoridades que ele usou para elaborar sua obra. Fica claro que o problema levantado por Plínio não era o do apoio dado pelos antigos – a admiração do velho e a audácia do novo andavam juntas -, mas a falta de decência em ocultar tal ajuda. Plínio cita o exemplo de Cícero que se declarava discípulo de Platão e colocava-se numa posição de comentador do filósofo[29]: "candura de Cícero que em sua República declarava-se discípulo de Platão"[30]. Já a outra característica proposta por Plínio dizia respeito ao seu método de investigação que ultrapassava a concepção da força do *olhar*, do *estar presente* para redigir uma obra de História, pois a *comparação de autores* o levou a enriquecer sua obra e a perceber os engodos de seu tempo – não se limita à autópsia histórica dos gregos.

---

27 Plínio, o Velho. *NH. Praef. 20: "quos scio nobiscum decertaturos, sicut ipsi fecimus cum prioribus".*

28 Plínio, o Velho. *NH. Praef. 21: "Argumentum huius stomachi mei habebis quod in his voluminibus auctorum nomina praetexui. est enim benignum, ut arbitror, et plenum ingenui pudoris fateri per quos profeceris, non ut plerique ex iis, quos attigi, fecerunt. Scito enim conferentem auctores me deprehendisse a iuratissimis ex proximis veteres transcriptos ad verbum neque nominatos".*

29 Cícero. *De re publica I.43:* "[Platão se expressa brilhantemente] Eu, se puder, acrescento, o explicarei em latim".

30 Plínio, o Velho. *NH. Praef. 22: "qui de re publica Platonis se comitem profitetur".*

Estas posturas investigativas que encontramos na NH indicam que Plínio sabia como se posicionar perante os estudos históricos. Como a sua "História do nosso tempo" foi escrita antes da NH podemos pensar que tais posturas já eram adotadas nos estudos anteriores a sua NH. Dessa maneira, a partir do emprego da palavra "história" indicando outra de suas produções pensamos sobre a possibilidade de Plínio munir-se de instrumentos teóricos e formais capazes de realçar a postura investigativa da NH. Mesmo os autores que o consideram um copista devem atentar-se para as dificuldades em conjugar diversas obras e não se pode ignorar a presença da investigação num trabalho dessa natureza.

O último uso da palavra "história" no Prefácio Epistolar proporciona uma excelente discussão especulativa. Após criticar a postura de meros copiadores sem decência de seus contemporâneos Plínio passou a justificar o título de sua obra. Vimos que o primeiro uso do termo "história" foi justamente no momento de nominar a sua produção e dedicá-la às Musas e ao futuro imperador Tito. Contudo, ao final de seu Prefácio Epistolar surgem diversas inquietações e, em nossa visão, diversas justificativas para empregar o título de História Natural. Plínio nos mostra certos desconfortos ou mesmo dificuldades em aceitar alguns títulos de outras obras, principalmente dos gregos, que não dizem nada ou prometem tudo – outra semelhança com os nossos tempos! Vejamos:

> Há entre os gregos uma admirável riqueza de títulos: uns usaram de título *keríon*, querendo que se entendesse 'favo de mel'; outros, *kéras Amaltheías*, que é cornucópia[31], de modo que você pode esperar encontrar um projeto de leite de galinha em seus volumes; também *Ia, Musai, Pandectai, Encheiridia, Leimon, Pinax, Schedion* ('Violetas', 'Musas', 'Recompilações', 'Manuais', 'Prado', 'Mesa', 'Improvisação'), títulos que quaisquer pessoas poderiam até esquecer-se de seus objetivos. Mas, por todos os deuses e deusas, quando você os lê, não há nada dentro![32]

A imprecisão dos títulos levantados por Plínio proporcionava até mesmo o impossível: leite da galinha. Hoje, com o passar de tantos séculos e tantas críticas acerca da NH, percebemos que a preocupação pliniana em não se aproximar dos problemas que ele mesmo detectava em seu tempo não foi eficaz. Um dos pontos mais criticados sobre a estrutura e

31 Nota de tradução: no original encontra-se *copiae cornu*. Esta expressão dizia respeito a um "corno de abundância". Na mitologia greco-romana a fertilidade do solo, abundância poderia ser representada por um tipo de vaso na forma de um chifre. Tanto na tradução da edição Gredos em espanhol quanto na tradução da LOEB inglesa os tradutores usaram a expressão: "cuerno de la abundancia" e "Horn of Plenty". Contudo, no português existe uma expressão para tal: cornucópia.

32 Plínio, o Velho. *NH. Praef. 24: "Inscriptionis apud Graecos mira felicitas: khrion inscripsere, quod volebant intellegi favum, alii keraV AmalqeiaV, quod copiae cornu, ut vel lactis gallinacei sperare possis in volumine haustum; iam ia, Mousai, pandektai, egceiridia, leimwn, pinax, scediwn: inscriptiones, propter quas vadimonium deseri possit; at cum intraveris, di deaeque, quam nihil in medio invenies!".*

conteúdo da NH foi justamente o de tratar sobre inúmeros assuntos sem o cuidado da seleção e ordenamento. Claramente a seleção dos conteúdos e a estrutura da NH foram pensadas por Plínio – o que muitos teimam em aceitar, pois não é a ordenação e seleção *esperada*! Se o próprio autor em seu Prefácio Epistolar critica a tradição dos gregos em vislumbrar diversos temas e no fundo "não ter nada dentro" é possível esperar um posicionamento diferente em sua obra. Po exemplo, em termos de estrutura a NH obedece a uma ordenação vertical – do céu para a terra -, assim como os juízos de valores de Plínio também seguem a verticalidade – todas as maravilhas estariam voltadas para a glória romana em detrimento das outras regiões.

O importante é perceber o *desconforto* de Plínio em nomear o que seria a sua última produção, pois parece que o autor não estava confiante naquilo que propunha. A enumeração dos títulos não ficou restrita aos gregos, mas alguns títulos latinos também foram citados:

> Os mais sérios dos nossos [autores] tem intitulado 'Antiguidades', 'Exemplos', 'Tratados'; os mais engenhosos, 'Elucubrações'. Suponho que é porque o autor era um bêbado e se chamava *Bibaculus*. Varrão é menos pretencioso em suas sátiras 'Ulisses e meio', 'Mesa dobrável'.[33]

Mesmo elencando alguns títulos comuns às produções latinas percebemos que o seu título não se enquadrava em nenhum dos citados, embora saibamos que o conteúdo da NH correspondia aos vários temas suscitados pelos títulos por ele elencados. De forma clara e concisa Clemence Schultze em seu texto *Encyclopaedic exemplarity in Pliny the Elder* contempla esta constatação:

> Ao longo da História Natural, Plínio se envolve com o passado mais amplo da humanidade, lidando com a história cultural: arte, invenções e realizações. Ele faz isso de uma forma que consegue combinar situações políticas como guerras, conquistas e triunfos e as mudanças e maravilhas que elas trazem (...) ele explora os *exempla* como uma rota para atingir o passado.[34]

Não concordamos que Plínio tenha buscado "leite de galinha" em sua NH, mas o vasto plantel de assuntos abordados em sua obra nos permite encontrar um pouco de "antiguidades", de "exemplos", de "tratados", de "sátiras" e, inclusive, de "favos de mel"[35]. Um

---

33 Plínio, o Velho. *NH. Praef. 24: "nostri graviores Antiquitatium, Exemplorum Artiumque, facetissimi Lucubrationum, puto quia Bibaculus erat et vocabatur. paulo minus asserit Varro in satiris suis Sesculixe et Flextabula".*

34 SCHULTZE, Clemence. "Encyclopaedic exemplarity in the Pliny the Elder". In: GIBSON, Roy K. & MORELLO, Ruth (org.) *Pliny the Elder: themes and contexts*. Leiden.Boston: BRILL, 2011, p.170.

35 Plínio dedica parte de seu Livro 11 para comentar sobre abelhas. Os estudos sobre as abelhas teriam ganhado força com Aristomachus de Soli que dedicou 58 anos aos estudos de tais animais. Outro que

claro exemplo encontramos no Livro 2 quando Plínio relata diversos prodígios naturais que acompanharam acontecimentos políticos, ou seja, no mesmo trecho encontramos abordagens pertencentes a *mirabilia* e questões que remetem a vida política romana:

> Há também luzes meteóricas que somente são vistas ao cair, por exemplo, um desses atravessou o céu ao meio-dia aos olhos de todo o público quando *Germanicus Caesar* estava proporcionando um espetáculo de gladiadores (...) outras semelhantes luzes meteóricas são 'raios', em grego *dokoi*, por exemplo, uma apareceu quando os espartanos foram derrotados no mar e perderam o império da Grécia.[36]
>
> Estrelas também são vistas durante o dia na companhia do sol e normalmente aparecem, na verdade, em torno do orbe do sol como guirlandas feitas de espiga de milho e anéis que mudam de cor – por exemplo, quando *Augustus Caesar* em sua juventude entrou na cidade após a morte de seu pai para assumir seu poderoso sobrenome.[37]

Estes exemplos nos são elucidativos, pois compreendemos as incertezas e o desconforto de Plínio em buscar um título coerente com o conteúdo de sua obra. Nota-se o porquê de tantos pensadores se perderem nos labirintos classificatórios de gênero literário da NH. Daí a definição de "História da Vida" ganhar tanta força quando passamos a compreender a narrativa pliniana, pois mesclar assuntos que envolviam acontecimentos como as lutas de gladiadores e triunfos romanos com o maravilhoso/inusitado não é tarefa fácil – até mesmo Plínio complicou diversos assuntos devido à tamanha ambição.

Feitas estas considerações partimos para o trecho em que Plínio usou o termo "história" pela quarta e última vez em seu Prefácio Epistolar:

> Diodorus entre os Gregos parou de brincar com as palavras e deu para sua **história** o título de *Bibliotheke*. Na verdade, Apião, o gramático (a quem Tibério César chamava 'pratos do mundo', quando melhor seria 'tambor de sua própria fama') deixou escrito que ele outorgava a imortalidade às pessoas em cuja honra compunha algo.[38]

---

dedicou sua vida aos estudos das abelhas foi Philiscus de Thasos ganhando o apelido de "Homem selavagem" por morar em lugares desertos. (*NH. 11.19)*

36 Plínio, o Velho. *NH. 2.96-97: "Emicant et faces, non nisi cum decidunt visae, qualis Germanico Caesare gladiatorum spectaculum edente praeter ora populi meridiano transcucurrit. (...)Emicant et trabes simili modo, quas dokouV vocant, qualis cum Lacedaemonii classe victi imperium Graeci amisere".*

37 Plínio, o Velho. *NH. 2.98: "Cernuntur et stellae cum sole totis diebus, plerumque et circa solis orbem ceu speiceae coronae et versicolores circuli, qualiter Augusto Caesare in prima iuventa urbem intrante post obitum patris ad nomen ingens capessendum".*

38 Plínio, o Velho. *NH. Praef. 25: "Apud Graecos desiit nugari Diodorus et □□□□□□□□□□□ historiam suam inscripsit. Apion quidem grammaticus—hic quem Tiberius Caesar cymbalum mundi vocabat, cum propriae famae tympanum potius videri posset—immortalitate donari a se scripsit ad quos aliqua componebat".*

Após levantar os diversos títulos e a falta de correspondência entre o nome e o conteúdo das obras gregas; após enumerar os títulos mais usuais entre os latinos de seu tempo, Plínio utiliza o exemplo de outro autor grego que parou de brincar/jogar com as palavras e deu o título de *Bibliotheke* para a sua obra de História. É a partir deste ponto de vista que as especulações ganham visibilidade: como se Plínio parasse de comentar sobre obras das mais diversas naturezas e firmasse suas convicções exatamente com o exemplo de uma obra de História. Foi com um escrito de História que os títulos ganharam maior credibilidade e a obra era a de um grego – "a devoção aos estudos era muito maior neles [gregos]"[39].

Não deixaríamos passar a ironia pliniana em relação à Apião, o Gramático, tanto na questão dos apelidos, mas, principalmente, na propagação da imortalidade. De acordo com Plínio, Apião outorgava a lembrança eterna para àqueles a quem dedicava suas obras, isto é, o poder da preservação da memória estaria nas penas e escolhas de Apião[40]. Simplesmente não podemos esquecer que Plínio dedicou sua NH para Tito, ou seja, mesmo se a observação pliniana sobre a "audácia" de Apião for irônica, o impacto de quem lê tal afirmação pode gerar o sentimento contrário. Mesmo que a frase busque denegrir a possibilidade de outorgar a imortalidade a outrem – ainda mais no caso de um futuro imperador – ela nos faz refletir sobre "e se fosse possível?". Claro que nossa vantagem temporal nos diz que *foi possível* deixar o nome de Tito marcado ao lado da NH.

Para encerrar o problema dos títulos Plínio nos ofereceu mais um *desconforto* já que após todas as nossas discussões – não somente as nossas, mas de toda a tradição ocidental – o seu pensamento parece se perder diante de certas inseguranças:

> A mim não me pesa não ter inventado um título mais atrativo e, para que não pareça que ataco em tudo aos gregos, queria que se meu propósito fosse entendido à maneira dos famosos criadores de pinturas e esculturas que colocavam em suas obras já acabadas, e inclusive algumas que não cansamos de admirar, um título provisório, do tipo de *Apelles* o *Polyclitus faciebat*. Como se sua arte estivesse sempre num esboço e sem terminar (...) Não mais que três, creio eu, receberam, segundo a tradição, o título definitivo de *Ille fecit*. No lugar correto irei comentar sobre elas. Com isso se deu a entender que o

39 Plínio, o Velho. *NH. 7.8: "modo ne sit fastidio Graecos sequi tanto maiore eorum diligentia vel cura vetustiore"*.

40 A mesma noção encontra-se nos diálogos platônicos, pois grande parte foi intitulada com o nome do principal interlocutor do diálogo. Ex.: Mênon, Protágoras, Fédon, Filebo, Crátilo, etc. O interessante no caso dos diálogos platônicos foi que o nome do interlocutor ficou imortalizado, em sua maioria, com o ônus da fama já que a figura de Sócrates era a de maior inteligência nos diálogos.

> artista havia alcançado grande segurança em sua arte, por conseguinte essas obras foram acolhidas com desafeto.[41]

Com esta passagem Plínio nos desafia a olhar para seu título *História Natural* e interpretá-lo como provisório, como algo inacabado, tarefa difícil ao nos depararmos com a dimensão da mesma. Talvez a melhor forma de compreender este desafio é a exata noção da variabilidade da natureza e da vida, isto é, diferente de uma guerra que poderia ser narrada a partir de seu início e concluída com os resultados obtidos com o combate[42], as histórias sobre a vida e suas maravilhas estariam em perpétua construção. Fato é que mesmo com um título provisório a sua obra seria responsável por carregar e propagar as histórias que ali estavam gravadas, pois era através do papel que a imortalidade do homem poderia se espalhar[43] – qual *imortalidade*, a das guerras ou dos feitos menores, ficaria a encargo do escritor!

Concluímos nosso artigo com o auxílio de Bertrand Russel, filósofo inglês contemporâneo, que iniciou a sua obra de *Fundamentos de Filosofia* com a seguinte frase: "Talvez fosse de se esperar que eu começasse pela definição de filosofia, mas certo ou errado, não me proponho a tal"[44]. Esta expressão poderia muito bem ser dita por Plínio na abertura de sua História Natural: "Talvez fosse de se esperar que eu começasse pela definição de *História Natural*, mas certo ou errado, não me proponho a tal". Se a tivesse definido nosso trabalho seria facilitado ou, para outros, seria um trabalho em vão. Fato é que as quatro aparições do termo "história" no Prefácio Epistolar da NH nos auxiliam na tarefa de compreendermos alguns caminhos escolhidos por Plínio no tocante à escrita de uma obra do gênero de História.

---

41 Plínio, o Velho. *NH. Praef. 26-27: "Me non paenitet nullum festiviorem excogitasse titulum et, ne in totum videar Graecos insectari, ex illis mox velim intellegi pingendi fingendique conditoribus, quos in libellis his invenies, absoluta opera et illa quoque, quae mirando non satiamur, pendenti titulo inscripsisse, ut APELLES FACIEBAT aut POLYCLITUS, tamquam inchoata semper arte et inperfecta (...)tria non amplius, ut opinor, absolute traduntur inscripta ILLE FECIT, quae suis locis reddam. quo apparuit summam artis securitatem auctori placuisse, et ob id magna invidia fuere omnia ea".*

42 Como exemplo deste recurso usamos a "História da Guerra do Peloponeso" de Tucídides. Seu Livro I assim começa: "Tucídides de Atenas escreveu a guerra dos peloponésios e atenienses, como a fizeram uns contra os outros. Começou a narração logo a partir da eclosão da guerra, tendo prognosticado que ela haveria de ganhar grandes proporções e que seria mais digna de menção do que as já travadas (...)". Encerra seu Livro I: "E os representantes voltaram para a sua pátria e posteriormente não mais foram enviadas embaixadas. Essas foram as acusações e as divergências de ambas as partes, surgidas antes da guerra, logo após a questão de Epidamo e Corcira (...)". (Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*. Livro I.I;CXLV-CXLVI)

43 Plínio, o Velho. *NH. 13.70: "*a imortalidade do homem depende do uso e da circulação desse material [papiro]". "*postea promiscue patuit usus rei qua constat immortalitas hominum".*

44 RUSSEL, Bertrand. *Fundamentos da Filosofia.* Trad. Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977, p.07.